

CHICO DE ASSIS: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS NO ARENA PARA A CRIAÇÃO DE UM TEATRO ÉPICO BRASILEIRO

Renan Gustavo Parma dos Reis (PIC/UEM), Alexandre Villibor Flory
(Orientador), e-mail: renangustavoparma@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes - Letras - Teoria Literária.

Palavras-chave: Teatro Épico, Teatro de Arena, Chico de Assis

Resumo:

O presente trabalho contém parte dos resultados da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “*O testamento do cangaceiro*, de Chico de Assis: contribuições e desafios do Arena para a criação de um teatro Épico brasileiro”. Em primeiro lugar, foi pesquisado o contexto sócio-histórico do grupo Arena (1958-1972) e a diversificação das suas produções para as quais foi importante a teoria do teatro épico de Bertolt Brecht como resposta a crise do drama. Para localizar Chico de Assis dentro das produções do Arena a pesquisa se concentrou no estudo da peça *O testamento do cangaceiro* escrita em 1960 e encenada em 1961 pelo Arena.

Introdução

São escassos dentro da Letras trabalhos que investigam a produção teatral brasileira enquanto manifestação artística que compreende a literatura e a cena. Vários são os motivos que corroboram para a desvalorização do teatro como uma área a ser pesquisada. Como resultado, nossa historiografia dramática é composta por lacunas e injustiças históricas. Logo, é um trabalho de extrema importância resgatar a literatura dramática e sua história, seus autores, montagens e críticos do passado, não só para compor uma linha cronológica, mas para nos entendermos como sociedade.

Portanto os resultados aqui apresentados são de muita relevância, embora a pesquisa esteja longe de esgotar o assunto. Ela contribuiu para o resgate histórico do dramaturgo Chico de Assis, e o seu papel dentro do grupo de teatro Arena.

Segundo Betti (2010), O Arena foi fundado em 1953 por José Renato em um momento no qual a modernização do teatro profissional realizada pelo TBC, de 1948, tinha conseguido bons resultados, porém defendia um teatro moderno aos moldes do que se fazia na Europa. Na busca por inovação, o teatro de Arena estabelece uma boa relação com o TPE (Teatro Paulista do Estudante) e, a partir de então, nomes como Oduvaldo Vianna Filho (Vianinha), Gianfrancesco Guarnieri e Vera Gertel passam a integrar o

Arena. Em 1956 Augusto Boal, recém chegado dos Estados Unidos, passa a participar do grupo e a organizar Cursos Práticos de Dramaturgia, Laboratórios de Interpretação e um Curso Prático de Teatro.

Em 1957 Chico de Assis entra para o Arena, onde desenvolve diversas tarefas. Porém, em 1958, o grupo está à beira da falência e resolve encenar como última apresentação a peça *Eles Não Usam Black-tie*, de Guarnieri. A montagem foi um sucesso e o grupo decide investir em produções autorais. No mesmo ano, em 1958, com o objetivo de fomentar as produções, tem início os Seminários de Dramaturgia. Será no seminário que Assis escreve a peça *O testamento do cangaceiro*, que foi estudada no projeto por ser a primeira peça da chamada Trilogia do Teatro de Cordel de Chico de Assis.

Materiais e métodos

A pesquisa foi realizada utilizando o método bibliográfico. Foram consultados livros e artigos relacionados aos temas anteriormente apresentados, que foram interpretados e constam neste resumo sob a forma de texto interpretativo e argumentativo. A pesquisa também contou com a leitura do texto dramático *O testamento do Cangaceiro*, tendo utilizado também entrevistas com o autor e textos teóricos e críticos a respeito do grupo de Teatro Arena, bem como da trajetória do teatro épico no Brasil. Nesse âmbito destacam-se autores como Décio de Almeida Prado, Iná Camargo Costa, Maria Sílvia Betti e Anatol Rosenfeld. A crise do drama burguês também foi estudada e, para tal, recorremos a Peter Szondi, Raymond Williams e o próprio Bertolt Brecht.

Resultados e Discussão

Francisco de Assis Pereira (1933-2015) começou sua carreira no rádio e foi para a TV em 1955. Em 1957 Chico entra para o grupo Teatro de Arena e tem sua estréia como ator na peça *A mulher do Outro*, de Sidney Howard, com a direção de Augusto Boal. Após o sucesso de *Black-tie*, de Guarnieri, como pontua Iná Camargo Costa (1996), percebeu-se que um teatro feito por autor nacional, sobre problemas nacionais até então não discutidos via teatro, poderia ser um caminho artístico e político para aprofundar a pesquisa estética e, também, resolver os problemas financeiros do grupo.

A peça, que contou com Assis como ator, foi um marco para a virada do Arena e impulsionou o surgimento do Seminário de Dramaturgia, tendo Chico de Assis com um dos membros fundadores. Os Seminários foram de extrema importância para a consolidação do projeto do grupo, sendo muito importante para formar e amadurecer autores como o agora estudado.

Nesse contexto, Chico de Assis retoma um texto que havia escrito para a TV, partindo dele para escrever *O testamento do cangaceiro*. Seu norte foi, por um lado, uma linha forte da tradição popular brasileira, e por outro o teatro épico brechtiano, teoria estudada nos Seminários. A peça é um 'exercício' de aproximação da teoria alemã com o contexto brasileiro, tendo como inspiração o texto *A alma boa de Setsuan*, de Brecht, e a literatura de

Cordel. Chico vê o gênero farsesco com base na cultura popular como possibilidade de um teatro que realmente dialogasse com o povo brasileiro. *O testamento do cangaceiro* foi encenada em 1961 pelo Arena, ano que Chico de Assis já não pertencia mais ao grupo.

O testamento do cangaceiro acompanha o personagem Cearim, retirante do sertão, e suas peripécias na tentativa de atender aos pedidos de um cangaceiro à beira da morte: Encontrar a moça do retrato, “uma pobre que eu infelicitei e deixei penar no abandono” (ASSIS, 2009, p.35) e dar-lhe um saco de dinheiro; com outra quantia pagar por uma missa pela alma do cangaceiro; benzer as armas e o chapéu do mesmo; entregar uma carta do testador ao irmão e delatar o seu assassino; por fim permanecer com um dos sacos de dinheiro “em paga do seu auxílio” (ASSIS, 2009, p.36).

A peça é uma sátira ao maniqueísmo entre o bem e o mau como forças universais que anulam o fator humano. O gênero farsesco permite que os pólos antagônicos sejam representados alegoricamente, ganhando expressão na peça pela Madrinha e pelo Cachorro. O núcleo épico permite o questionamento dessas instâncias de poder e a sua superação, repousando sobre o homem as consequências de seus atos. Décio de Almeida Prado (2002), na crítica da peça publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1961, acertou quando falou que a essência da peça é provar que estamos sozinhos e devemos nos organizar por nós mesmos; “tratemos de organizar por aqui mesmo o nosso imperfeito paraíso”. Vivemos em um mundo injusto, isso é um dado certo na peça, de tal modo que a grande questão que Assis apresenta é: como nos organizamos diante dessa constatação? Nos nós confortamos em crenças que nada podem fazer de concreto, a não ser nos manter passivos enquanto somos enganados e alienados ou assumimos as injustiças e os problemas como questões sociais passíveis de mudança?

Conclusões

A obra de Chico de Assis merece um estudo mais profundo. Não há dúvidas da qualidade estética e artística na produção do dramaturgo, que dialoga estreitamente com o teatro político dos anos 60. Chico de Assis é dono de uma vasta produção, em grande parte já publicada, que deve ser resgatada e estudada com mais profundidade para melhor entender o projeto teatral da época e as contribuições do autor. Sua obra reflete um dramaturgo que soube transitar entre os gêneros, de forma a incapacitar uma simples análise classificatória, visto o nome que o próprio atribuiu para o conjunto das obras *O testamento do cangaceiro; As aventuras de Ripió Lacraia e Farsa com cangaceiro, truço e padre*: Trilogia de Cordel.

Está claro que o teatro brasileiro é rico esteticamente, e faz sua própria trajetória sem deixar de estar em sintonia com as inovações mundo afora. No caso do Chico de Assis há uma relação muito grande com Brecht, que merece um estudo por si só. Dessa forma, a obra e atuação de Chico de Assis foram fundamentais no projeto político e artístico dos anos 60, incumbidos de fazer os questionamentos sociais, políticos e estéticos por meio do teatro.



Referências

ASSIS, Francisco de Assis. **O teatro político de cordel de Chico de Assis**. Coleção Aplauso Teatro Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

BETTI, Maria Silvia Betti. **A politização do teatro: do Arena ao CPC**. In: FARIA, J. R. (Org.). *Historia do Teatro Brasileiro: Do modernismo as tendências contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 175-194.

COSTA, Iná Camargo. **A hora do teatro épico no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terr, 1996.

PRADO, Décio de Almeida Prado. **Teatro em Progresso**. São Paulo: Perspectiva, 2002.